

**Urbanização e Modernidade:
Abordagens teóricas e conceituais em Georg Simmel e Louis Wirth**

**Urbanization and Modernity:
Theoretical and conceptual approaches in Georg Simmel and Louis Wirth**

Ricardo Cruz Macedo¹

Resumo: A explosão do fenômeno urbano produziu alterações significativas entre os mais distintos grupos e nos mais diferentes lugares, tornando-se marca emblemática na compreensão da vida social moderna. É sobre este mesmo contexto e tempo que diversas abordagens sociológicas pensam urbanidade e modernidade, e sobre as quais problematizo aqui alguns elementos. Neste artigo tomo como questão de análise a compreensão das implicações provocadas pelo fenômeno urbano nos modos de vida entre os indivíduos e grupos no contexto da modernidade. Objetivo, assim, problematizar alguns elementos presentes nas perspectivas teóricas oferecidas por Georg Simmel e Louis Wirth, principalmente, encarando-os como suporte para a análise urbano/moderno que apresento. Optei pela tensão entre urbanidade e modernidade observando que essa é uma perspectiva recorrente nas abordagens analíticas no campo da sociologia. A seleção dos autores que embasam o artigo justifica-se dado o caráter central que ocupam na teoria sociológica clássica sobre o fenômeno urbano, a emergência da modernidade e as suas implicações na vida social. A partir das reflexões e análises elaboradas, foi possível observar que o fenômeno urbano dinamizou e agudizou a complexidade da vida na cidade enquanto espaço das diferenças, das heterogeneidades e hibridismos, das tensões e conflitos. Assim, a dinâmica da vida urbana moderna provocou uma transformação acentuada dos hábitos cotidianos, de instituições, como a família, e das relações de produção e consumo de bens.

Palavras-chave: Modernidade. Urbanidade. Modos de vida. Cotidiano.

Abstract: The explosion of the urban phenomenon produced significant changes among the most different groups and in the most different places, becoming an emblematic mark in the understanding of modern social life. It is about this same context and time that different sociological approaches think of urbanity and modernity, and about which I problematize some elements here. In this article, I take as a matter of analysis the understanding of the implications caused by the urban phenomenon in the ways of life among individuals and groups in the context of modernity. Thus, I aim to problematize some elements present in the theoretical perspectives offered by Georg Simmel and Louis Wirth, mainly, considering them as support for the urban / modern analysis that I present. I opted for the tension between urbanity and modernity, noting that this is a recurring perspective in analytical approaches in the field of sociology. The selection of authors that support the article was justified given the central character they occupy in classical sociological theory on the urban phenomenon, the emergence of modernity and its implications for social life. From the reflections and analyzes elaborated, it was possible to observe that the urban phenomenon has dynamized and sharpened the complexity of life in the city as a space for differences, heterogeneities and hybridisms, tensions

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB). É pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos, Sustentabilidade e Políticas Públicas (LAURBS/UFCA). Atua como Agente de Gestão da Inovação Educacional (AGI) na Crede 20/SEDUC-CE. Orcid: 9826546396463867 E-mail: ricardocruzmacedo@gmail.com

and conflicts. Thus, the dynamics of modern urban life provoked a marked transformation of daily habits, of institutions, such as the family, and of the relations of production and consumption of goods.

Keywords: Modernity. Urbanity. Lifestyle. Daily.

Apresentação

O crescimento das cidades e a urbanização do mundo é um dos fatos mais notáveis dos tempos modernos (Louis Wirth, 1987, p. 90).

A emergência do século XIX provocou profundas transformações na vida social. Para além dos modos de produção, as lutas entre as classes sociais, as insurgentes revoluções, como a industrial ainda iniciada no século XVIII, a explosão do fenômeno urbano produziu alterações significativas entre os mais distintos grupos e nos mais diferentes lugares. É sobre este mesmo contexto e tempo que várias análises sociológicas e em outras áreas do saber construíram importantes discussões sobre as interrelações entre o fenômeno urbano e a modernidade, e sobre as quais problematizo aqui alguns elementos a partir da dimensão teórica.

Parto da compreensão que fenômeno urbano seja o processo acelerado de crescimento das cidades/metrópoles, das transformações dos seus espaços físicos carregado das disputas e tensões (Lefebvre, 2001) e do predomínio do modo de vida urbano (Wirth, 1987). No fenômeno urbano moderno, a experiência do estranho e do inesperado tornam-se marcas centrais ao passo que o mesmo promove a integração entre os mais distintos grupos sociais. Assim, a urbanização é o processo de crescimento acelerado e contínuo das cidades e sua consequente complexidade após a Revolução Industrial, e, sobretudo, a partir do século XX. Nessa esteira, o conceito de urbanidade é tomado aqui como sinônimo de urbanismo, a partir do qual Louis Wirth se refere à dispersão do modo de vida urbano, fenômeno que transcendeu os limites geográficos que circunscrevem a cidade, espaço urbano por essência.

Em torno da categoria modernidade encaro o intervalo temporal ao qual é atribuído um conjunto de fatos que modificaram profundamente os modos de vida, as formas de organização das instituições e das culturas. Refiro-me ao período de finais do século XIX e início do século XX, momento marcado pela expansão do capitalismo industrial, e da economia de mercado. Considerando as abordagens teóricas de Georg Simmel e Louis Wirth, é possível relacionarmos a expansão do urbanismo aos desdobramentos provocados pelo capitalismo a partir da Revolução Industrial. Essas abordagens teóricas mostram não apenas como o fenômeno urbano

se expandiu no período referido, mas como se tornou marca preponderante da vida social considerada moderna.

A partir desses aspectos, busco compreender neste artigo as implicações do fenômeno da urbanidade na tessitura do cotidiano dos indivíduos e grupos distintos nos contextos urbanos da modernidade. O objetivo é problematizar as categorias - urbanização/urbanidade/modernidade - aqui em foco a partir das perspectivas teóricas oferecidas por Georg Simmel e Louis Wirth encarando-as como suporte para a análise urbano/moderno que desejo apresentar. Autores como Robert Ezra Park, Henri Lefebvre e Michel Agier, entre outros, também são acessados para as reflexões tecidas.

Optei pela tensão entre urbanidade e modernidade observando que essa é uma perspectiva que atravessa diferentes abordagens analíticas. Penso com Robert Ezra Park (1987) que a cidade é para o homem civilizado o que a casa foi para o camponês. É nessa dimensão que se assenta a concepção que associa cidade/urbano à civilização, onde se verificam alterações nos laços sociais, nas estruturas familiares, nos tipos de contatos, modos de vida, bem como nas experiências sociais entre os indivíduos.

Corroboro com Henri Lefebvre (2001) quando destaca o autor da necessidade contínua de sabermos sobre as questões relativas às realidades urbanas sociais e estruturais uma vez que elas não estão plenamente conhecidas, ou não se esgotam, pois, a cidade não é apenas linguagem, ela também é prática. Da mesma maneira, como afirma Michel Agier (2015), tal urbanidade nos revela cidades cada vez mais complexas e marcadas pelo habitar cotidiano de seus espaços, que ocorre pela pluralidade de sentidos atribuídos por aqueles que ali residem, transitam, utilizam, passeiam.

O artigo está organizado em três tópicos nos quais exploro as categorias centrais deste estudo a partir das abordagens teóricas de Georg Simmel e Louis Wirth. No primeiro deles eu penso com Georg Simmel como se constrói a base psicológica do tipo metropolitano uma vez que esse autor acredita que a modernidade contribuiu para a alteração dos estímulos nervosos daquele tipo de indivíduo. Assim, está em jogo uma mente calculista, de atitudes *blasé*, mas, ao mesmo tempo, sofisticado dado os múltiplos contatos com os quais convive cotidianamente.

No segundo tópico, a partir da abordagem de Louis Wirth, busco construir uma compreensão dos modos de vida urbanos. Esse autor entende que a modernidade agudizou as transformações nas relações do espaço urbano, das estruturas familiares, dos hábitos e modos de vida e, nesse sentido, adverte sobre os necessários cuidados no exercício de análise dos complexos espaços urbanos e suas dinâmicas sociais. Como espaço marcado pela pluralidade,

Louis Wirth advoga que a cidade teve a missão de reunir diferentes grupos/povos em um único espaço, também apontando, assim como Simmel, para as implicações do seu caráter cosmopolita.

No último tópico, o terceiro, eu teço as minhas considerações finais apresentando algumas perspectivas teóricas e conceituais sobre urbanidade e modernidade tomando por base o conjunto das reflexões elaboradas a partir dos autores estudados.

Georg Simmel e a formação da mente do sujeito urbano moderno

Um dos teóricos que produziu sugestiva contribuição à compreensão do fenômeno urbano moderno foi o alemão Georg Simmel. Este autor tornou-se referência obrigatória para as Ciências Sociais, em especial para a Sociologia, por oferecer uma perspectiva analítica sobre a vida moderna, sobretudo a partir da problemática da construção social do indivíduo moderno tendo em vista suas interações. Essa é uma questão importante para muitos desses teóricos, e com a qual as análises de Simmel tem uma preocupação quase direta com os modos das relações entre os indivíduos modernos e urbanos, encarando as cidades enquanto espaços que atravessavam transformações radicais nos hábitos cotidianos, formas de produção/consumo, meios de transportes, etc.

A vida urbana moderna, conforme Simmel, tem um impacto profundo nos modos como se produzem as relações entre os indivíduos. Para esse autor, a virada do século XIX para o século XX foi um momento no qual se verificou rápido crescimento das cidades, fenômeno extremamente novo para a época, sobretudo com a expansão das metrópoles. Entre outras, uma preocupação fundamental para Simmel se refere ao tipo de base psicológica do tipo metropolitano, o indivíduo urbano, pois acreditava o autor que esta estaria em processo de transformação quando se comparava às sociedades de menor densidade. Nesse sentido, são perguntas importantes para a compreensão do indivíduo urbano apresentadas no pensamento sociológico de Simmel: Como é construída a mente do indivíduo moderno das grandes cidades? Dada a complexidade da vida urbana moderna, como ele - o indivíduo - se protege da intensidade com a qual é estimulado cotidianamente? Como se tecem suas interações?

Carlos Fortuna (2013), ao problematizar com Simmel os “efeitos” da metrópole na subjetivação das experiências urbana pontua:

A metrópole... de Simmel constitui, com efeito, um clamoroso exercício de subjetivação da experiência urbana, por meio da qual os sujeitos conferem sentido e procuram reagir em conformidade aos desafios impostos pelos fragmentos da sua inserção cidadina. A subjetivação da experiência urbana conduz à mobilização radical dos sentidos e ao correspondente refúgio dos sujeitos na atitude *blasé* como instrumento de autodefesa e preservação da integridade pessoal, mental e relacional

dos indivíduos que evitam, assim, cair numa “condição mental deplorável” [grifos no original] (Idem, 2013, p.110).

Georg Simmel acredita que o tipo metropolitano de mente convive com uma multiplicidade característica desse espaço. É na cidade onde os laços sociais ocorrem entre indivíduos de grupos distintos e desconhecidos entre si e onde há uma maior sofisticação nas relações sociais, como é o caso das trocas econômicas e comerciais.

A metrópole sempre foi a sede da economia monetária. Nela, a multiplicidade e concentração da troca econômica dão uma importância aos meios de troca que a fragilidade do comércio rural não teria permitido. [...] Assim, o homem metropolitano negocia com seus fornecedores e clientes, seus empregados domésticos e frequentemente até com pessoas com quem é obrigado a ter intercâmbio social. Estes aspectos da intelectualidade contrastam com a natureza do pequeno círculo, em que o inevitável conhecimento da individualidade produz, da mesma forma inevitavelmente, um tom mais cálido de comportamento, um comportamento que vai além de um mero balanceamento objetivo de serviços e retribuição. Na esfera da psicologia econômica do pequeno grupo, é importante que, sob condições primitivas, a produção sirva ao cliente que solicita a mercadoria, de modo que o produtor e o consumidor se conheçam. A metrópole moderna, entretanto, é provida quase que inteiramente pela produção para o mercado, isto é, para compradores inteiramente desconhecidos, que nunca entram pessoalmente no campo de visão propriamente dito do produtor (Simmel, 1987, p. 12).

É certo que para o sociólogo em xeque a base psicológica do tipo metropolitano moderno de indivíduo consiste na intensificação dos estímulos nervosos. Esse indivíduo desenvolve um órgão que o protege, pois ele age com a cabeça, ao invés do coração, para fazer referência ao tipo de contato que se predominava quando da comparação das relações sociais em sociedades de menor escala. Acrescenta que a mente moderna se tornou a mais calculista, como sugeria o modelo racional presente nas Ciências Naturais.

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alternância brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. [...] Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível - enquanto oposição à vida da pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. Estes últimos se enraízam nas camadas mais inconscientes do psiquismo e crescem sem grande dificuldade ao ritmo constante da aquisição ininterrupta de hábitos. [...] Assim, o tipo metropolitano de homem - que, naturalmente, existe em mil variantes individuais - desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário,

o desenraizariam. Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração. A vida metropolitana, assim, implica uma consciência elevada e uma predominância da inteligência no homem metropolitano [grifos no original] (Idem, 1987, p. 11 e 12).

Ainda neste mesmo sentido, acrescenta o autor:

A mente moderna se tornou mais e mais calculista. A exatidão calculista da vida prática, que a economia do dinheiro criou, corresponde ao ideal da ciência natural: transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas (Idem, 1987, p. 13).

Na mente calculista, a técnica da vida metropolitana tornou-se a integração de todas as partes num calendário estável. O controle do tempo ocorre a partir do ponteiro do relógio, que faria com que os encontros, os compromissos, os horários de trabalho, pudessem ser organizados. A cidade passa a ser o espaço por excelência onde se promove uma maior especialização, diferenciação e refinamento entre os indivíduos para atender as necessidades. Ou seja, nessa perspectiva, Simmel acredita que se forma uma mente sofisticada, pois ela lida com a heterogeneidade, com a pluralidade que são típicas das metrópoles.

No processo de urbanização se destaca a procedência de um tipo de atitude entre os indivíduos cada vez mais caracterizada pela reserva. Na medida em que crescem os espaços urbanos, crescem as circulações e os grupos, dissolvendo-se os laços motivados por maior pessoalidade e crescendo aqueles estabelecidos pelas ofertas de serviços. Intensificam-se as possibilidades de contatos com grupos diferenciados, modos de vida marcadamente distintos, contatos entre pessoas nunca antes vistas. Pensando nesse tipo de contexto, que se demarca como próprio da vida urbana moderna, Simmel argumenta que há implicações sobre as formas de ser, de atuar e viver nas sociedades desse tipo, sendo preciso que os indivíduos desenvolvam estímulos que os façam ser preservados dado tal cotidianidade.

Argumenta o mesmo autor citado que se procede ao tipo de vida metropolitana a atitude *blasé*. Em primeiro lugar, esta atitude resulta dos estímulos contrastantes que em rápidas mudanças e compressão concentrada são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar, segundo o autor em xeque, a intensificação da intelectualidade metropolitana. Portanto, as pessoas estúpidas, que não têm existência intelectual, não são exatamente *blasé* (Idem, 1987, p. 14). Essa atitude é uma resposta intelectual à situação, uma reserva psíquica, com a qual os indivíduos operam seus modos de vida e asseguram maior estabilidade em suas relações.

Contrasta-se a esta perspectiva a maior possibilidade de “liberdade” entre os indivíduos citadinos observada a heterogeneidade e pluralidade que caracteriza o denso espaço urbano.

Nestes termos, Georg Simmel acredita que quanto menor for o grupo, maior será sua coerção e menor a liberdade. Do contrário, quanto maior for o grupo, menor a coerção e maior a possibilidade de liberdade.

Não são apenas o tamanho imediato da área e o número de pessoas que, em função da correlação histórica universal entre o aumento do círculo e a liberdade pessoal interior e exterior fizeram da metrópole o local da liberdade. É antes, transcendendo essa expansão visível que qualquer cidade dada se torna a sede do cosmopolitismo (Idem, 1987, p. 19).

A mente do indivíduo urbano moderno se constrói como processo dos múltiplos contatos mediados pela vida na metrópole. Disso, a liberdade configura-se como resultado de uma menor coerção na comparação com o espaço rural, pois, na medida em que as relações e modos de vida são plurais e variados, eles dão um tom impessoal com o qual muitas interações se tecem aí. Nesse sentido, emerge uma cultura urbana moderna, reflexo do crescimento da vida na metrópole que ganha cada vez mais densidade, logo, complexidade social, e influencia a formação de um espírito cada vez mais objetivo.

A razão mais profunda, entretanto, pela qual a metrópole conduz ao impulso da existência pessoal mais individual - sem embargo de quão justificada e bem sucedida - parece-me ser a seguinte: o desenvolvimento da cultura moderna é caracterizado pela preponderância do que se poderia chamar de o “espírito objetivo” sobre o “espírito subjetivo” [grifos no original] (Idem, 1987, p. 22).

A cultura urbana, bem como as relações entre os indivíduos e grupos são, por assim dizer, caracterizados pelo espírito objetivo e calculista. Ao afirmar essa perspectiva, Simmel não atribui um tom negativo aos modos de vida urbanos, mas, chama a atenção para um conjunto de mecanismos e particularidades típicas da formação social que se verifica na medida em que as metrópoles se expandem. Conforme Carlos Fortuna (2013, p.117), a essa expansão estão associadas criticidade variáveis das metrópoles e megacidades. As que mostram velocidades mais rápidas de viver o seu presente são também as que apresentam uma mancha ocupacional mais dispersa. Diante desses aspectos, e ainda de acordo com o mesmo autor acima citado, é possível aventarmos para a atualidade do pensamento de Simmel como “clássico” da sociologia através do valor heurístico que a sua releitura empresta à nossa capacidade de perguntar e não em qualquer capacidade apressada de oferecer respostas (idem, 2013, p. 108).

Modos de vida urbano: concepções em Louis Wirth

Muito embora as duas abordagens aqui em análise tenham suas especificidades, parece ser comum entre elas encarar as cidades como um centro constituído não só pelo total

populacional, mas como núcleo controlador da vida econômica, política e cultural, ou em outros termos, da vida social. É neste sentido que se imbricam novamente as noções de urbano e moderno, e os modos de vida que desses fenômenos resultam aparecem como questão de pesquisa provocativa.

Pertencente a Escola de Chicago, centro onde se produziram aflorados debates sobre a expansão e crescimento das cidades no início do século XX, sobretudo Chicago, interessa pensar com Louis Wirth, neste tópico, como o fenômeno da crescente urbanização provocou implicações e mudanças nos modos de vida dos indivíduos. É importante dizer que Louis Wirth está situado num contexto histórico da primeira metade do mesmo século citado, e é neste momento onde intensos fluxos migratórios são percebidos nas grandes cidades, como é o caso de Chicago, o que leva muitos estudiosos a pensar nas formas como vão ocorrer os contatos entre grupos sociais cultural e economicamente distintos ao habitarem um mesmo espaço.

De acordo com Ruben Oliven (2010, p.14), Louis Wirth pode ser considerado o nome mais destacado da Sociologia Urbana dos Estados Unidos. Discípulo de Robert Ezra Park, ele assimilou também a influência de sociólogos europeus, principalmente a de Georg Simmel que se tornou clássico na literatura de assuntos urbanos. Na obra deste autor em xeque a cultura urbana guarda estreitas relações com a expansão da cultura da industrialização capitalista.

Assinalando a confusão entre cidade e sistema produtivo, Castells argumentou que “tudo que na tese de Wirth é ‘cultura urbana’, é, na realidade, a tradução cultural da industrialização capitalista, a emergência da economia de mercado e do processo de racionalização da sociedade moderna” e não o efeito de cidades per se na vida social. Para Castells, uma análise detalhada dos traços da “cultura urbana” mostraria facilmente o vínculo causal entre a matriz estrutural do modo de produção capitalista e os efeitos nesta ou naquela esfera de comportamento. Assim, a célebre “segmentação de papéis” que estaria no bojo da complexidade social “urbana” estaria em verdade diretamente determinada pelo estatuto de “trabalhador livre” que é necessário para obter uma rentabilidade máxima no uso da força de trabalho, conforme demonstrado por Marx. Do mesmo modo, a predominância das relações secundárias sobre as primárias, bem como a rápida individualização das relações estariam também expressando a necessidade econômica e política do novo modo de produção de transformar em “cidadãos livres e iguais” os suportes dos meios de produção e da força de trabalho [grifos no original] (OLIVEN, 2010, p. 17/18).

Nessa perspectiva, Louis Wirth argumenta que o crescimento das cidades marca o mundo moderno civilizado, percebido pela concentração em grandes agregados de onde irradiam as ideias e práticas “civilizadas”. Nestes termos, argumenta o autor que da mesma forma como o início da civilização ocidental é assinalado pela fixação permanente de povos anteriormente nômades na bacia do Mediterrâneo, assim também, o início do que pode ser considerado

marcantemente moderno em nossa civilização é caracterizado pelo crescimento das grandes cidades (Wirth, 1987, p. 89), centros onde coexistem grupos sociais de origens diversas.

Na tentativa de definição do modo de vida urbano, o autor em apreço seleciona alguns elementos básicos do urbanismo como modo distinto de vida. Primeiro: não se define meramente pelo tamanho, pois isso é arbitrário. Há pequenos lugares urbanos, como periferias de grandes cidades e há lugares maiores, mais marcadamente rurais. Segundo: urbanismo não é delimitação física, ele extrapola os limites da cidade. Nesse sentido, interessa sublinhar como a cidade molda o caráter da vida social à sua forma urbana. Isso implica em considerar as variações entre as cidades. Terceiro: o urbanismo não está confinado a um local, manifestando-se onde chega à influência da cidade. Também não se resume a características particulares de certos grupos, ao industrialismo e ao capitalismo.

Para fins sociológicos, seria a cidade, assim, um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos (Idem, 1987, p. 95). É possível mesmo afirmar que uma cidade se caracterize pelo grau heterogêneo que representa para além dos números. É, também, o campo de criação dos híbridos biológico e cultural, pois reúne povos diferentes e úteis uns aos outros.

O tamanho do agregado populacional é um aspecto interessante para a análise das cidades segundo Louis Wirth, e que foi constantemente acionado no debate sobre a vida urbana. Afirma ainda que desde Aristóteles tem-se reconhecido que o aumento populacional afeta nas relações entre os habitantes, pois ele transforma os laços de parentesco visto a diversidade de grupos em interação. Também impossibilita o conhecimento entre todos os que nele circulam e vivem, corroborando a perspectiva de Georg Simmel, o que modifica o caráter das relações e segmentam-se os papéis, provocando especialização das atividades.

Nesse sentido, compreende Louis Wirth sobre as relações e os indivíduos no espaço urbano:

Caracteristicamente, os cidadãos encontram-se uns aos outros em papéis bastante segmentários. Dependem, certamente, de mais pessoas para as satisfações de suas necessidades da vida do que a população rural e por isso são associados a um número maior de grupos organizados, mas dependem menos de pessoas determinadas, e sua dependência de outros confina-se a um aspecto altamente fracionado da esfera de atividades dos outros (Idem, 1987, p. 99).

Nos espaços urbanos desenvolvemos tendências para o mundo dos artefatos e somos cada vez mais distanciados da natureza. Esse é um espaço que serve como centro da diferença, de modo que consegue relacionar grupos distintos como nunca antes. Assim, a cidade tem sido o

cadinho das raças, dos povos e das culturas e o mais favorável campo de criação de novos híbridos biológicos e culturais. Ela não só tolerou como recompensou diferenças individuais. Reuniu povos dos confins da terra porque eles são diferentes e, por isso, úteis uns aos outros e não porque sejam homogêneos e de mesma mentalidade (Idem, 1987, p. 95).

[...] a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo (Idem, 1987, p. 89).

Como uma forma de organização social, corroboro com Louis Wirth quando compreende que o urbanismo modificou drasticamente os tipos de contatos, fazendo-se predominar aqueles secundários ao invés dos primários, ou seja, contatos que mesmo sendo face a face, são impessoais e transitórios. Também se transformaram as estruturas familiares, as relações de vizinhança e a solidariedade social, interferindo ainda na personalidade e comportamento coletivo.

A cidade aparece assim como um mosaico de mundos distintos, onde justapõem-se personalidades e modos de vida reservados e não ligados entre si, e como habitat congestionado no qual se ocasiona atrito e irritação. Ao mesmo tempo, a sua multiplicidade dos contatos e relações entre grupos e classes distintos expressa o cosmopolitismo, produzindo influências nos indivíduos como a quebra das estruturas sociais rígidas dado a heterogeneidade e a maior mobilidade, instabilidade, insegurança e a filiação de indivíduos a uma variedade de grupos sociais opostos e tangenciais com um alto grau de renovação dos seus componentes (Idem, 1987, p. 112).

Louis Wirth buscou definir à sua maneira o que é modo de vida urbano, e para tanto destacou ser necessário estar atento para não o confundir com urbanização, pois, tal modo de vida é um tipo ideal que ultrapassa os limites físicos do espaço urbano.

Embora o urbanismo, ou aquele complexo de caracteres que formam o modo de vida peculiar das cidades, e a urbanização, que denota o desenvolvimento e as extensões desses fatores, não sejam encontrados exclusivamente em grupamentos considerados como cidades no seu censo físico e demográfico, encontram, não obstante, sua expressão mais pronunciada nessas áreas, especialmente nas cidades metropolitanas. Na formulação da definição de cidade, é necessário sermos cautelosos, a fim de evitarmos que identifiquemos o urbanismo como modo de vida com quaisquer influências culturais local ou historicamente condicionadas, as quais, embora possam afetar expressivamente o caráter específico da comunidade, não são os determinantes essenciais do seu caráter como cidade (Idem, 1987, p. 95).

O modo de vida urbano, na perspectiva desse autor, está profundamente marcado pela maneira como o espaço urbano fora construído, um tipo complexo, no qual se verifica a

convivência de grupos distintos e dependentes entre si. Os modos como a vida é possível no espaço urbano, mediados pelos múltiplos contatos, pelas diversas impressões que dele se tecem, pelo superficialismo, anonimato e o caráter transitório das relações sociais possibilitam a constituição de um tipo particular de indivíduo, aquele habitante do espaço urbano, explicado, também, por sua sofisticação e racionalidade (Idem, 1987, p. 100).

De acordo com Ruben Oliven (2010, p. 15/16) as críticas dirigidas a obra de Wirth são numerosas e podem assim ser elencadas:

Elas assinalam, primeiramente, que embora ele desejasse formular generalizações universalmente válidas, algumas de suas proposições seriam aplicáveis somente a cidades industriais. Em segundo lugar, a distinção entre rural e urbano não estaria tão nitidamente ligada à distinção entre grupos primários e secundários como Wirth dá a entender. Em terceiro lugar, a própria variedade existente na cidade faz com que várias das proposições de Wirth sejam por demais simplistas já que a cidade pode proporcionar uma gama maior de possibilidades para todos os tipos de relacionamento do que o campo. Por último, Wirth não teria conseguido enxergar ou explicar a persistência dos grupos primários como um elemento integrante da vida urbana e suas funções nas organizações impessoais (Idem).

Se a teoria de Louis Wirth nos parece apontar para uma interpretação generalizante de urbano, em um sentido no qual as sociedades urbanas tenderiam a ser cada vez mais influenciadas por processos globais a partir das dinâmicas do capitalismo, a obra do autor introduz a dimensão histórica da análise sociológica, revelando as contradições na relação causal entre formas ecológicas e estruturas sociais e culturais.

Algumas considerações finais

É possível compreender, a partir dos elementos aqui apresentados, que a urbanidade na modernidade tem características próprias. A cidade se agudiza enquanto espaço das diferenças, das heterogeneidades e hibridismos, das tensões e conflitos que resultam, entre outros fatores, das altas concentrações de renda. Concomitante, se intensifica a noção de individualização, reflexo do processo de expansão dos centros metropolitanos, ao passo que se promove maior sensação de liberdade pelo tipo de relação aí predominante, ou seja, interações com menor pessoalidade.

Conforme as abordagens analisadas, é possível dizer que a dinâmica da vida urbana moderna foi responsável pela transformação acentuada dos hábitos cotidianos, das estruturas de instituições como a família, das relações de produção e consumo dos bens. Encarando o modo de viver próprio das cidades como um tipo ideal, no sentido weberiano, também é

interessante pensar que ele extrapolou os limites físicos das metrópoles, influenciando dinâmicas sociais de diferentes escalas.

De um ponto de vista analítico, a vida urbana moderna ressoa cada vez mais como um dinâmico e complexo conjunto de aspectos que interessa a muitos estudiosos, pois, como destaca Michel Agier (2015), a cidade é fruto de intensos processos nos quais está em jogo a construção de significados, ocupações e formas de ser que não se resumem as oposições centro/periferia integradas através de dialéticas dinâmicas. Ela tão pouco pode ser considerada uma coisa que se possa ver, nem um objeto que se possa apreender como totalidade, mas sim, quando se transforma num todo decomposto, um holograma perceptível, “apreensível” e vivido em situação (Agier, 2015, p. 38). Assim, seria o espaço urbano moderno uma sofisticada criação na civilização e o modo de vida urbano o mais acessado e procurado, aquele característico da modernidade.

Referências

- AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade**. O antropólogo, a margem e o centro. Mana vol.21 n.3, Rio de Janeiro, 2015.
- FORTUNA, Carlos. **Georg Simmel**: As cidades, a ruína e as novíssimas metrópoles. Philosophica, 42, Lisboa, 2013, p.107-123.
- LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.
- OLIVEN, Ruben “A cidade como categoria sociológica”. In.: **Urbanização e mudança social no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010, p. 07-23.
- PARK, Robert Ezra. “A cidade: Sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: Velho, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- SIMMEL, Georg. “A Metrópole e a Vida mental”. In: Velho, O. (org.). **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: Velho, Otávio (org.). **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.